



LAS TEORÍAS SALVAJES: UM IMPIEDOSO OLHAR PARA PASSADO

Carla de Fátima CORDEIRO¹

Resumo: Do livro *Las teorías salvajes*, da escritora argentina Pola Oloixarac, acompanhamos neste ensaio a trajetória dos personagens Pablo e Kamtchowsky, jovens de classe média pertencentes à primeira geração do século XXI, que têm como objetivo de vida a inserção nas novidades deste mundo em que prevalecem as relações virtuais. Nossa análise observará que essa descrição do presente não se faz sem um crítico olhar para o passado (anos 70) como justificativa para os desgostos e prazeres desta nova geração.

Palavras chave: relação entre gerações; Literatura Argentina; Pola Oloixarac.

[...] todo el mundo en derredor es un teatro de guerra invisible habitado por actores visibles.

Pola Oloixarac, *Las teorías salvajes*.

Lançado em 2008, *Las teorías salvajes* é o primeiro romance da jovem escritora portenha Pola Oloixarac, obra de difícil classificação, que alguns chamam de romance filosófico, outros de romance de humor negro, outros ainda de microetnografia cultural. Quase tão complicada quanto a sua classificação é a descrição da narrativa, composta de três partes que intercalam a história do jovem casal Pablo (Pabst)² e Kamtchowsky, a do antropólogo Johan van Vliet – perdido na selva africana – e a da aluna platonicamente obcecada por seu professor. Pode-se dizer que o fio que une estas três histórias é a “*Teoria das Transmissões Yoicas*”, de proposição do próprio van Vliet, que parte da ideia hobbesiana de que a maldade é natural do homem.

A narrativa oscila entre primeira e terceira pessoas e quem nos conta é Rosa Ostreech (que significa Avestruz Rosa, como bem lembrou a crítica Beatriz Sarlo), uma jovem, e bela – segundo sua auto-descrição –, aluna da Faculdade e Filosofia e Letras

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP/ Campus de Marília, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cinema e Literatura.

² Este personagem passa a ser tratado de Pabst pela narrativa depois de se aproximar de Kamtchowsky enquanto assistem ao filme *Dom Quixote* (1933), do cineasta austríaco George Wilhem Pabst (1885-1967).



de Buenos Aires, que vive uma paixão obsessiva por seu professor Augusto García Roxler, e se propõe a ajudá-lo a aperfeiçoar a teoria iniciada por van Vliet em meados do século XX. Em companhia do gato Montaigne e do peixe Yorick, estuda à exaustão, com momentos de delírio, a “*Teoria das Transmissões Yoicas*” na tentativa de seduzir seu velho professor que, segundo a própria, “parece primo de alguma especie secundaria de *Tyrannosaurus rex*” (OLOIXARAC, 2010, p. 56).

Como narradora do romance, Ostreech se mostra bem humorada, irônica, convencida, tanto que não raras vezes afirma: “[...] tu teoria se queda incompleta sin mí” (OLOIXARAC, 2010, p. 65). Mas é também vingativa, sem pudores em chamar seus desafetos de feios e gordos – palavras praticamente sinônimas em sua concepção –, além de culta e intelectualmente perspicaz, citando à vontade Hobbes, Montaigne e Sun Tzu e, como completa Beatriz Sarlo: “La narradora tiene siempre un libro a mano para fregarlo contra el hocico de su gata [...] o para contar una performance porno-underground o un trip de pastillas y polvos diversos en una disco” (SARLO, 2010). É do tipo que transita de maneira ágil entre citações de Elton John a Wittgenstein, utilizando, sem distinção alguma de valor, elementos da cultura pop, poesias, teorias advindas da física, filosofia, antropologia ou qualquer outra área do conhecimento que valha para explicar um acontecimento. É pelo olhar da “[...] joven promesa, la tigresa rampante de las aulas (*moi*)” (OLOIXARAC, 2010, p.56, grifos da autora) que são observados os fatos do romance.

Os pais progressistas e os filhos “pós-modernos”

O romance, ao apresentar os jovens personagens da geração 2000, Kamtchowsky, Pablo, Andy e Mara, em algum momento tem a preocupação de mostrar aspectos da infância destes personagens, não tanto para explicar de quais contingências resultaram, mas para fazer duras críticas à geração de seus pais, que viveram os anos 70.

Kamtchowsky, ou K, é filha de um engenheiro e uma psicanalista, oriundos de uma classe média e que no pós-ditadura tiveram a oportunidade de frequentar a universidade: “Como Rodolfo, la madre de la pequeña Kamtchowsky pertenecía a la primera generación de clase media en lanzarse más o menos masivamente al mercado de las carreras universitarias [...] La llegada del peronismo al poder modificó de raíz los programa de estudios inclinando hacia las variedades de la doctrina marxista”



(OLOIXARAC, 2010, p.15). A psicologia, com enfoque marxista, encontrava em seu auge e sua mãe era uma entusiasta destas ideias. Já seu pai não se interessava, achava uma estupidez e só pensava em sexo:

Quando ella hablaba del ardor de la lucha, de movilizar las bases desde abajo y de romper de una vez con la cáscara individual, Rodolfo tenía erecciones como para llenarle la boca a todos esos hacheros del Chaco con proteínas y filamentos grasos *made in* Kamtchowsky. En alguno de estos intervalos engendraron a la pequeña K (OLOIXARAC, 2010, p.17).

Como uma espécie de presente pela “maturidade”, depois de sua primeira menstruação, aos 11 anos, a mãe de K pede-lhe que digite e revise, para publicação, os diários de sua tia Vivi, com cartas para Mao Tsé Tung. Vivi, que fora seqüestrada durante o regime peronista e nunca reaparecera, enviava cartas para o líder revolucionário chinês, intimamente chamado Moo, com textos que mais que narrar seus anseios revolucionários contavam sobre sua crise conjugal com L, colega de militância. A respeito das preferências literárias da pequena Kamtchowsky:

Los cuadernos de Vivi habían sido su lectura favorita cuando niña, después de Emilio Salgari, la serie *Sissi Emperatriz*, las dagas de internados femeninos y el diario del Che, además los libros de casuística psiquiátrica infantil que infestaban la biblioteca - tesoros que, alrededor de los doce años, su madre había trasladado y prohibido, sin que mediara explicación (OLOIXARAC, 2010, p. 218).

Já Andy, personagem descrito como bonito e pouco inteligente, tinha uma mãe bonita que usava penteado a la Farrah Fawcett e que não o deixava tomar sorvetes da marca Massera quando pequeno, pois tal marca remetia a um nazista que, segundo sua mãe, atirava pessoas dos aviões, de modo que só permitia que comprasse alfajor da marca Havana. O que não teria adiantado muito porque Andy continuaria tendo “[...] preferencia por el dulce de leche granizado de Massera no conoció parangón hasta el advenimiento de los cucuruchos de Volta” (OLOIXARAC, 2010, p.101), além de ter adquirido medo de aviões.

Mara, ao contrário de Andy, teria sido mais “devotada” aos ensinamentos maternos. Na escola que frequentava na adolescência era incentivada durante as aulas de arte e expressão corporal a escrever poemas e ensaios sobre os desaparecidos da ditadura militar. Um de seus ensaios, escrito com a ajuda de um amigo de sua mãe, seria publicado no jornal do colégio, depois de algumas alterações por parte da direção da



escola. Sua mãe, ex-militante trotskista, ficaria extremamente emocionada, mas Mara lamentava não ter nascido no momento adequado, ou seja, no tempo em que sua mãe era jovem, pois nas imagens que passavam na sua cabeça não havia nada mais bonito que “trabajar por la Justicia y coger por la Patria” (OLOIXARAC, 2010, p.105).

Através destas caracterizações, observamos uma jovem narradora acidamente crítica em relação ao seu país. Segundo sua perspectiva, a Argentina ainda hoje se ressentiria do passado ditatorial, exigindo que seus jovens reflitam sobre os traumas da ditadura militar como se fossem seus próprios traumas e, como se não bastasse, que tenham os mesmos valores daqueles que viveram esse passado.

A arma da narrativa é argumentar que entre os militantes de ontem não havia política mas, sim, uma relação entre sexo e vaidade. Todos os personagens trazem este histórico de família: o pai de Kamtchowsky finge interesse em ideias revolucionárias para relacionar-se sexualmente com sua mãe; Vivi, a tia “revolucionaria” que vive o impasse entre a luta armada e o amor romântico burguês, demonstra-se, nas cartas para Mao, desconfortável com a idéia de sexo livre e revela o desejo de se casar com L; a mãe de Mara, que perde todos seus amigos na ditadura, não é morta por ser bonita e ter vínculos sexuais com poderosos e, por fim, a mãe de Andy que, mais preocupada com cabelo, cerceou a liberdade do filho não permitindo que comesse seus doces preferidos.

Pablo é o personagem que apresenta as teorias sobre os anos 70, dizia que os hippies faziam *merchandising* de Che Guevara e que a verdadeira revolução sexual estaria ocorrendo agora: “Sólo ahora, despolitizada, despojada de zanahorias teleológicas, completamente fría y pura, la revolución sexual retoma el sentido verdadero de las revoluciones de Copérnico: el instinto conservador de la vanidad como triunfo estético y moral de la democracia” (OLOIXARAC, 2010, p. 94). Ou seja, somente sem o comprometimento ideológico e com a vaidade e o individualismo em destaque, a liberdade sexual acontece.

O raciocínio de Kamtchowsky mostra o conflito entre as gerações, sempre dando crédito para a mais nova:

[...] el chico más lindo que había visto en su vida desde Michael J. Fox haciendo de Alex en Lazo familiares (1983-1989). Hijo mayor de una pareja de ex hippies ansiosos por educar a su familia en los valores de la tolerancia, el progresismo y la libertad, Alex ha resultado un precoz admirador de Ronald Reagan, lector del *Wall Street Journal*; va de corbata y camisa por su propia casa, metiendo las manos en los bolsillos de tanto en tanto. En un capítulo iluminador, Alex se preparaba para acompañar Kimberly (altiva,



perfecta, *snob*) a un baile en un exclusivo club; pero los padres temen que Alex 'no encaje' e intentan transmitirle (como quien suplica) la importancia de la sencillez, la honestidad y la invisibilidad de lo esencial a la retina del ojo. Alex finalmente va, vence y se mete a la reunión entera en el bolsillo - el chico conocía sus *assets* -. Pero el insidioso padre no tiene nada mejor que hacer y va buscarlo a la fiesta, horrorizando a todo el mundo, incluido Alex. (OLOIXARAC, 2010, p.257, grifos da autora).

Ao observarmos a citação acima, vemos que ao relembrar a história de um seriado americano, em que um jovem personagem triunfa frente aos valores ditos ultrapassados, a narrativa sinaliza que não há nada além dos valores que orientam o capitalismo. Essa crença, leva a narradora a tentar, a todo custo, desqualificar os valores que o contrariam.

Ao olharmos para esses personagens, observamos que a narrativa relê a geração dos anos 70 de modo muito distinto de como esta costumaria se retratar. Segundo a jovem e bela narradora, essa geração teria tentado, sem sucesso, passar para seus filhos os valores de sua juventude, liberdade, revolução e sexo livre, e teria acabado por criar uma nova geração individualista, insegura, carente, que banaliza o sexo e tenta de diversas maneiras chamar atenção sobre si. Para esta geração, viciada em testes de personalidade, o “binomio *audiencia y empatía* se convertía en modalidad existencial” (OLOIXARAC, 2010, p. 38, grifos da autora). Entre as tantas teorias descritas no livro, podemos dizer que esta é a que se apresenta com mais veemência.

Pablo e Kamtchowsky: os “niños progres”

Pablo e Kamtchowsky são filhos de pais progressistas que lutaram pela liberdade política e, também, romper com os rígidos padrões de comportamento dos anos 50. Uma tentativa frustrada e equivocada, segundo a narrativa.

O período de adolescência até a idade adulta não seria fácil para Kamtchowsky, pois “[...] era consciente de que resultaba físicamente desagradable a los demás, de que su madre probablemente quería matarla y de que no sabía ‘dejarse llevar’” (OLOIXARAC, 2010, p. 35). Para aprender a “deixar-se levar” passa a praticar sexo com seu colega de escola, Mati, uma pessoa igualmente feia “[...] gordito, tenía una boca bembona y unos ojos saltones, como escarabajos lelos; en un par de años, cuando pegara ele estirón, los ojos se le separarían hacia los costados de la cara, acentuando el índice de renacuajo potencial que ya croaba suavemente en su interior.” (OLOIXARAC,



2010, p. 36). Para eles, o sexo seria algo mecânico que mesmo sendo muitas vezes considerada uma experiência desagradável eles a realizavam, pois essas experiências e os jogos sexuais seriam o centro das suas vidas afetivas e sociais. Além do mais, quando a prática ficava entediante, o jovem casal podia divertir-se jogando videogame. Uma atitude questionável, mas que a narradora, como de praxe, justifica dizendo que esta forma de agir se devia aos ensinamentos recebidos dos filhos dos anos 70: “[...] habían crecido en un ambiente que propiciaba las demostraciones de sensibilidad, creatividad personal y originalidad, reflejadas de manera fundamental en el escenario del sexo, orbe por excelencia del juego y la libertad (OLOIXARAC, 2010, p.37). Uma ideia que seria levada a sério por Kamtchowsky em suas experiências.

A juventude de Pablo não fora menos difícil em termos de adaptação aos padrões sociais. Ele se identificava com a história do patinho feio e odiava espelhos, pois lhe “desterraba la cópula, la posibilidad de la cópula” (OLOIXARAC, 2010, p. 67), ou seja, seria banido das relações sexuais. Em seu blog, Pablo desabafava sua frustração, prometia postar *snuff movies*³ protagonizados por todos aqueles que lhe negaram atenção e ainda usar a música *Sacrifice*, de Elton John, como trilha sonora. Uma das seções de seu site era uma reverência aos anos 90 e aos cantores populares daquela época, pois para ele representariam o momento em que ele deixou de ser um menino “gordito para convertirse en un individuo proporcionado carente de toda belleza y vitalidad” (OLOIXARAC, 2010, p. 41), além de remeter à trilha sonora das festas de 15 anos das meninas bonitas que o rejeitavam. E, novamente, a narradora não poupa críticas à educação que a geração 70 deu aos seus filhos ao afirmar que, através do site, Pablo conseguia praticar tardiamente a liberdade para qual havia sido educado, ao usar anonimamente sua agressividade: “[...] parecía conocer desde siempre las vericuetos de la mímica electrónica del desdén” (OLOIXARAC, 2010, p. 44).

Entre uma seção de cinema e outra, Kamtchowsky conhece Pablo e se tornam namorados. O casal teria muito mais em comum que a feiúra de ambos:

Detectaban, además, la mutua repelencia de ciertas notas bibliográficas comunes: ambos habían cambiado tempranamente *Anteojito* por la inefable *Humi*⁴, la revista dos niño progres; sus padres nunca se habían molestado en esconder demasiado bien las *Sex Humor*, dotando al desarrollo hormonal de

³ Filmes que fazem parte de um subgênero que mistura horror com pornografia onde o principal mote é o sacrifício humano real em frente às câmeras.

⁴ *Anteojito*: revista argentina criada nos anos 60, com auge nos anos 70 e 80, destinada a crianças em idade escolar. *Humi*: revista infantil de humor, publicada nos anos 80.



sus hijos de un aire de naturalidad completamente infundado; videocaseteras, microondas y yogurteras habían resultado compañeros más fieles que cualquier perro culposo olisqueando permisos para defecar (OLOIXARAC, 2010, p. 39)

Entre inúmeras referências da cultura pop, a narradora se preocupa em jogar fora, ou seja, desqualificar tudo que a geração anterior propunha, mesmo que o interesse desta fosse dar uma boa educação para seus herdeiros. É que observamos na citação acima quando se refere a duas revistas infantis, *Anteojito* e *Humi*, criticando a última, justamente a mais crítica e progressista, afirmando em última instância que as inovações tecnológicas dos anos 80 seriam melhores companheiras que a revista.

Ambos personagens são distantes dos pais, os de Pablo nem aparecem no romance, a não ser em sua memória ressentida do passado. No caso de Kamtchowsky, seu pai teria abandonado a família quando ela tinha 11 anos, justamente no momento em que sua mãe resolveria mostrar-lhe os “verdadeiros” valores fazendo-a reproduzir os diários da tia militante. Sua mãe é tratada como uma desconhecida, mostrando um ressentimento e um distanciamento entre as gerações.

A partir das relações que se constroem entre os personagens do romance, poderíamos supor que, ao mesmo tempo em que as críticas são desferidas contra estes, acabam justificando e explicando o comportamento da geração atual, mostrando que os jovens de hoje são tão egocentros quanto seus pais e que não há saída, pois a narrativa se preocupa em mostrar como os comportamentos altruístas ou os que demonstram um mínimo de felicidade e satisfação são falsos. É o que se pode observar também no caso de Miguel, aparentemente diferente de Pablo e Kamtchowsky. Miguel, filho de uma psicopedagoga e portador de Síndrome de Down, é descrito como uma pessoa saudável e forte, sem grandes complexos em relação à sua deficiência. Seu diferencial, em princípio, seria o fato de ter tido atenção materna “[...] había brindado la oportunidad de erigirse en el centro de un cariño esmerado, marcadamente dadivoso, del que se sabía merecedor con creces” (OLOIXARAC, 2010, p. 230). Mas, sua verdadeira fonte de segurança e auto-estima seria revelada no diálogo com Kamtchowsky:

- Miguel, no tenés a veces ideas insoportables que te persiguen?
- Sí, claro [...] As veces hablo de eso con mi psicoanalista.
- ?
- Pero no me preocupo. Me da pastilla de la dulzura, parecido al Prozac.
- ...
- Son pastillas que te ayudan a crecer. Mira, ahora por ejemplo me crece el



pito (OLOIXARAC, 2010, pp. 230-231).

O personagem seria feliz, teria criado uma personalidade alternativa, “cool”, em que sua deficiência ganha traços de exotismo. Além de tudo, andava relativamente dentro dos parâmetros, trabalhava em um restaurante, tinha um celular que tocava Michael Jackson e praticava sexo com alguma regularidade, tudo com ajuda das “pastilhas doces”, que o fazia sentir-se mais autoconfiante e feliz, diferentemente dos jovens personagens centrais do romance, que sofrem de desajuste e tentam algo através do ambiente virtual.

Pablo e Kamtchowsky percebem o sexo como instrumento de aceitação e como os próprios teorizam em suas discussões, vivem em uma geração mais autêntica e que assume a obsessão com a estética e a vaidade. O fato de serem feios indicaria a impossibilidade de fazer sexo, o que os fazem sentirem preteridos. Individualistas e sem ética alguma, eles vão buscar a qualquer preço a satisfação dos seus egos, até porque, como orienta a narrativa, eram confessos politicamente incorretos, que em flagrante tentativa de irritar o pensamento de esquerda afirmavam admirar o *McDonalds*, pois seria um lugar onde reinaria a igualdade, pois além de dar emprego a idosos e deficientes, os consumidores teriam inevitavelmente de fazer fila, permitindo uma boa convivência entre os pobres e a classe média.

Em meio a esta busca, o casal converte-se em típicas celebridades fugazes de um mundo em que se destacam estrelas de *realities shows*, *bloggers* e exibicionistas que postam seus vídeos no *You Tube*, e ainda tenta elaborar teorias para descobrir a relação entre sexo, violência e popularidade.

Além de uma parte dedicada aos anos 90, no blog de Pablo haveria recursos para compartilhar *softwares* piratas e uma seção de pornografia macabra. Seções que estavam presentes, não porque Pablo apreciava informática ou abusos com mulheres, mas fazia parte da construção de sua auto-estima e da busca por notoriedade: “había comprendido que el régimen de acceso a la empatía contemporánea se encuentra vinculada al uso inteligente, glamoroso, de la crueldad” (OLOIXARAC, 2010, p. 42).

Com o blog conhecera pessoas espertas, bonitas, confiantes além de poder se masturbar e ao mesmo tempo compartilhar música e imagens. A “solitaria maravilla” traria para Pablo relações toleráveis e contatos que lhe satisfariam, assim ele se sentia vitorioso em um mundo que o desprezou por sua feiúra:



[...] percibía, sin disimular su orgullo, que cierta conexión subterránea entre la maldad y la voluptuosidad había comenzado (tardíamente) a jugar su favor [...] la brutalidad discursiva de Pabst, su control superciliar sobre las discusiones, la demostración, en fin, de su superioridad, podían atraer [...] de una extraña belleza [...] En su ejercicio de odio al resto, Pabst accedía a una nueva imagen de sí mismo, más cercana al *flair* de Adonis lúcido que jamás podría obtener a fuerza de características físicas. (OLOIXARAC, 2010, p.43-44)

Sua diversão seria humilhar os mais fracos e o que para ele seria uma simples diversão cruel, os leitores levariam a sério, alguns postariam críticas de seus comentários, mas essas não o abalariam porque, como o blog era *seu*, sempre tinha razão, além de acreditar que os frequentadores dependeriam dele de alguma forma. Para Pablo, não haveria distinção entre realidade e performance, pois além de inventar citações de Wittgenstein, seus *posts* “[...] mezclaban juicios lapidarios con referencias a películas, serie de TV, gente con rostros incendiados, miscelánea pop de los 80-90, desnudistas Bob Patiño, calamares gigantes y todo Zombies tipo de información irrelevante. *Era escueto, categórico y siempre tenía razón.*” (OLOIXARAC, 2010, p.44, grifos meus).

Kamtchowsky também seria dona de blog e, como é revelado mais para o final do romance, seria uma estrela pornô do mundo virtual famosa por participar de blogs e chats. Com sua popularidade conseguira emprego: “Después de todo, era una chica importante: hacía un par de semanas le habían ofrecido estar a cargo de la sección de *Cine joven judío* del Festival de Cine Independiente, era sólo cuestión de esperar”. (OLOIXARAC, 2010, p.77). Mesmo assim, a personagem sentia necessidade de ampliar seu *marketshare*, ou seja, seu espaço no mercado focando em outro segmento da população. Para isso apresentou um filme autobiográfico em um festival de cultura chamado “Hija, Del Hombre al Nombre”, um filme surreal em que ela se interpretava aos 7 anos.

Enquanto Pablo preferia as elaborações mais teóricas, até porque “en general, le gustaba hacerse el difícil” (OLOIXARAC, 2010, p.206), K era dada a experiências empíricas de suas teorias, fato que a leva ao estrelato. Durante uma festa conheceu dois jovens “Uno era pelirrojo, tendría veintidós años, era bastante lindo; el otro tenía una gorrita a cuadros y se veía muy pálido, infantil y desfigurado, como si un ácido [...] hubiera corroído sutilmente los rasgos de la cara” (OLOIXARAC, 2010, p. 199). Eles



lhe deram uma droga chamada cetamina⁵, um analgésico para animais. Inconsciente, apesar de querer passar por aquela situação, segundo a narradora, “quería volver a pasar por ese pasillo turgente de aceptación gratuita, pero sus piernas no respondían” (OLOIXARAC, 2010, p.199), K faz sexo com dois garotos.

O vídeo do ocorrido na festa, deste relacionamento sexual com dois garotos deficientes, alcançaria grandes dimensões e seria postado no site *You Tube*. Assim, Kamtchowsky ganharia *status* de diva do gênero pornô amador, pois seus vídeos tinham um diferencial: “[...] percibido como controlado, irresistible. Detalles involuntarios, sutiles, comunicaban la sensación de la gordita que se la buscó y ahora llegaba su merecido” (OLOIXARAC, 2010, p. 260). Sem querer, K teria participado da criação de um novo gênero cinematográfico, pois diferente das concorrentes, não gritava de prazer, seu vídeo se assemelhava a um filme de terror: “los grititos parecían verdaderas expresiones de miedo, sonidos de un animalito aterrado en el bosque. El efecto de la ketamina le dejaba los ojos casi en blanco, como a punto de perder el conocimiento”(OLOIXARAC, 2010, p. 260). Uma vez que o primeiro vídeo apareceu, surgiu outro desta vez em que Miguel, funcionário do *McDonalds* portador de síndrome de Down, se masturbava com Kamtchowsky dentro da cozinha do restaurante americano. O sucesso desse segundo vídeo se devia a “una de las claves de su popularidad fue que estaba filmado con una lente ojo de pez y en el fondo se veía a Ronald McDonald, santo patrono de las hamburguesas” (OLOIXARAC, 2010, p. 259).

Seguindo uma teoria atribuída ao filósofo francês Montaigne de “que los mejores compañeros sexuales son los discapacitados, porque los nutrientes que no llegan a las extremidades se concentran en la zona genital” (OLOIXARAC, 2010, p. 200), Kamtchowsky chegaria a ter uma espécie de caso com Miguel, pois acreditava que com ele a experiência seria diferente. Depois da divulgação dos vídeos, se limitaria a declarar: No me *gustan*, me encantan (OLOIXARAC, 2010, p. 260, grifos da autora).

Como eram populares no mundo *underground* de Buenos Aires, principalmente Kamtchowsky, o casal sempre seria convidado para eventos do circuito cultural da capital argentina, mas como não eram bonitos e nem atraentes, o papel destes se limitava a comentar ressentidos sobre o poder de atração dos outros convidados e testar suas teorias. Neste tempo, eles conhecem o belo casal Andy e Mara: “Ambos tenían esos brillo indefinible que dejan caer al descuido las personas bellas cuando sonrían”

⁵ Droga que, como a personagem Kamtchowsky, também é conhecida como K.



(OLOIXARAC, 2010, p. 71). Os dois belos se aproximam por reconhecer Kamtchowsky de seus filmes. Cria-se uma relação de amizade, juntos frequentariam festas com cenários surreais, onde se ouviria desde música eletrônica até Carmen Miranda, onde experimentariam drogas, sexo, compartilhariam suas teorias e assistiriam estranhas performances.

Mas há uma tensão na relação do quarteto, especialmente, entre Pablo e Andy, pois o primeiro não suportava a beleza e o inexplicável sotaque britânico do colega. Uma relação que faria Pablo refletir constantemente sobre essa condição:

Toda la mórbida admiración que mantelería erecta su relación con Kamtchowsky consistía en aquel lugar común de la selección natural mundana según el cual los feos son más inteligentes porque han desarrollado modalidades más sofisticadas con qué luchar por las cosas, y este muñeco Ken [Andy] con *Display Sound* no sólo lo destruía en cuanto Pabst, sino reducía a cenizas los prejuicios más acariciados por Kamtchowsky y él, aquella cima templada y solitaria desde donde, a veces, acariciadas sus mejillas por las sábanas grasosas de miga de pizza, podía soñar con la superioridad. (OLOIXARAC, 2010, p. 74)

O trunfo do casal seria a inteligência, mas a beleza do casal de amigos suplantava tudo, deixando-os incomodados e com um sentimento de inferioridade latente: “[...] ‘nos traen a su departamento para apretarnos y cogernos porque somos feos, porque somos feos no nos vamos a negar’ [...] Piensan que estamos tan desesperados porque sólo cogemos entre nosotros que creen que no podemos coger con nadie más.” (OLOIXARAC, 2010, p. 77).

Entre as atividades do quarteto, encabeçadas por Kamtchowsky, desenvolveriam um jogo chamado *Dirty Wars 1975*, um pretense instrumento sociológico, que infectava o computador dos jogadores colhendo informações sobre os hábitos e escolhas destes, tudo isso para descobrir como empatias são criadas, o grande objetivo deles. Logo depois, desenvolveriam um dispositivo que burlava o site *Google Earth*, onde podiam trocar imagens da Buenos Aires atual por paisagens de outros tempos e/ou lugares. O objetivo do novo jogo seria ajudar a desenvolver as “*Notas para una Teoría de las Explosiones*”, cujos pontos principais residiriam em uma utopia baseada na invisibilidade e na importância do anonimato.

Assim, observamos uma narrativa que trata de um tempo em que tudo, inclusive o conhecimento, se tornou mercadoria. Como se estivesse em supermercado, escolhem as teorias que servem, independentes de serem verdadeiras ou não, para justificar o que



se julga legítimo e desqualificar o que vai contra os interesses de quem as manipula. A própria narração trata com ares de deboche um de seus trunfos, como observamos nas palavras de Pablo em um diálogo com a namorada:

[...] era todavía muy difícil de evaluar. Con todo, la teoría no necesitaba ser omniabarcante para lograr la aceptación que haría de ella (esa cama llena de migas, libros subrayados, cables de computadora y paquetitos de Sweet Mints) un manifiesto hermenéutico de irreductible sagacidad (OLOIXARAC, 2010, p. 49).

Nesse sentido, a crítica de Beatriz Sarlo (2010) afirmaria que: “Después de Google, no hay erudición sino links. Las teorías salvajes vive desesperadamente esta situación y quizá por eso Pola Oloixarac acumula referencias”. Sendo assim, com o advento da Internet e da infinita gama de informações à disposição, não existe erudição, apenas links, ou seja, uma coisa que reclama a outra sem qualquer hierarquia de valores e importância.

A personalidade egocêntrica de Pablo e a fama de Kamtchowsky teriam sido construídas no ambiente virtual. O casal obteria êxito como personagens do mundo virtual, mas o encontro destes com a “vida real” seria sempre um choque que revelaria a vulnerabilidade que o virtual esconde, como é observado na relação entre Pablo e Andy e também no momento em que Mara pergunta para Kamtchowsky qual é seu verdadeiro nome, fato que a deixa constrangida, pois estranha ser tratada como personagem. O comportamento de ambos vai de acordo com o que teorizam sobre a geração presente, para quem não interessa a diferença entre a verdade ou a mentira, só a aparência importa.

Mesmo sofrendo os infortúnios de uma sociedade que os discrimina, o feio casal faz de tudo para ser aceito e participar da verdadeira e autêntica revolução sexual que ocorre agora nos anos 2000, como acredita Pablo. A narrativa nos leva a acreditar que essa atitude se deve ao fato de essa geração ser mais sincera, seguindo seus instintos e, sem constrangimento algum, priorizando a satisfação pessoal, seguindo ao pé da letra um dos motes da *Teoria das Transmissões Yoicas* de que “[...] todo el mundo en derredor es un teatro de guerra invisible habitado por actores visibles” (OLOIXARAC, 2010, p. 175).

Podemos dizer que a crítica encontrada no romance é formada do ponto de vista do pretense intelectual formado nos dias hoje, na era da internet, imerso na infinita



gama de informações à disposição, sem parâmetro que organize a leitura e compreensão, encarnado principalmente na figura de Pablo, que no decorrer da história vai se tornando cada vez mais arrogante e egocêntrico e se auto atribui o título de intelectual, dizendo:

“Como había escrito Marshall McLuhan: el poeta, el artista, todo aquel que expande nuestra percepción tiende a ser antisocial; inadapto a veces, no puede dejarse llevar por los mandos comunes. De hecho, Pabst se sentía terriblemente inspirado;” (OLOIXARAC, 2010, p. 244).

Não por acaso, o principal instrumento de veiculação de informações no romance é o blog, um instrumento que proporciona que as informações sejam postadas em uma velocidade vertiginosa, fazendo com que o novo se torne velho em questões de segundos. Sendo assim, não há tempo hábil para construir um vínculo entre passado e presente, o que importa é o aqui e o agora, onde o presente aparenta ser divorciado do passado. Daí o fato de esse novo intelectual desdenhar dos velhos parâmetros, e menosprezar os valores considerados ultrapassados, acusando a geração anterior de mascarar com ideais e idealismos políticos as intenções que orientam o instinto humano.

Abstract: From the book *Las teorías salvajes*, written by the Argentinean writer Pola Oloixarac, in this essay we follow the characters' life trajectories of Pablo and Kamtchowsky, middle class youth that belong to the first generation of this century, whose life's goal is to get into in this new world, where prevails the virtual relations. But this present description is not be built without a critical look at the past (year 70) as justification for the sorrows and pleasures of this new generation.

Keywords: intergenerational relations; Argentine literature; Pola Oloixarac

Referências Bibliográficas

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad.: Maria Elisa Cevalco; Revisão da trad.: Iná Camargo Costa. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

OLOIXARAC, Pola. *Las Teorías Salvajes*. Barcelona: Alpha Decay, 2010.

SARLO, Beatriz. *La Teoría em tiempos de Google*. In: <http://www.diarioperfil.com.ar/edimp/0339/articulo.php?art=12731&ed=0339>, acessado em: 01/11/2010.